
(RE)CONFIGURAÇÕES URBANAS DO BAIRRO LUIZOTE DE FREITAS – UBERLÂNDIA/MG

Beatriz Ribeiro Soares
Profa. Dra. Instituto de Geografia – UFU

Gerusa Gonçalves Moura
Bolsista de Iniciação Científica – FAPEMIG/UFU

RESUMO: *O conjunto habitacional Luizote de Freitas, construído no final dos anos 70 (BNH/COHAB-MG), tornou-se um dos bairros mais representativos da cidade, pois além de concentrar uma parcela significativa de trabalhadores assalariados, ainda dispõe de diversos equipamentos e atividades relativas ao consumo de mercadoria. Dessa forma, o objetivo desse estudo é analisar as mudanças ocorridas na dinâmica sócio-espacial do bairro após 17 anos de sua implantação, uma vez que as transformações na sua configuração espacial foram expressivas e influenciaram a própria estruturação urbana da cidade como um todo.*

Palavras chaves: conjuntos habitacionais, reconfigurações, espaço urbano

ABSTRACT: *The habitational group Luizote of Freitas, built in the end of the seventies (BNH/COHAB-MG), became one of the most representative neighborhoods of the city, because besides concentrating a significant portion of wage workers, it still has several equipments and relative activities to the merchandise consumption. In that way, the objective of this study is to analyze the changes happened in the partner-space dynamics of the neighborhood after 17 years of its implantation, once the transformations in its space configuration were expressive and they influenced the urban structuring of the city as a completely.*

Key words: habitational groups, reconfigurations, urban space

1 – INTRODUÇÃO

O acesso a uma moradia digna constitui um direito de todo cidadão. Entretanto, ao longo do processo histórico, esse direito vem sendo desrespeitado e se tornando um grande “problema”, especialmente para as populações de baixa renda.

A moradia vem transformando-se numa mercadoria de difícil acesso para a maioria da população, pois ao assumir um valor de troca,

este é repassado para a mesma, que dependendo da sua posição na hierarquia social não possui condições financeiras suficientes para tornar-se proprietária, sendo obrigada a buscar formas alternativas para morar, tais como as favelas e os cortiços.

Dessa forma, o espaço urbano vai sendo ocupado de forma diferenciada, pois constitui-se num reflexo das condições sociais, que se materializam ao longo do processo histórico de acordo com as relações sociais de produção que,

consequentemente, provocam a segregação não só espacial como também social.

Em Uberlândia, com a intensificação do crescimento econômico e populacional a partir dos anos 70, ocorreu a expansão da cidade através da incorporação de novas áreas ao perímetro urbano e da conseqüente ocupação de terras “*desocupadas*” no mesmo; e sendo assim, a cidade cresceu tanto vertical como horizontalmente, devendo ser destacada o incremento das chamadas áreas periféricas, ocupadas principalmente por casas autoconstruídas, favelas e conjuntos habitacionais, financiados por programas federais, municipais, estaduais, destinados a atender a população assalariada da cidade.

A produção de moradias para os grupos de baixa renda, através da construção de conjuntos habitacionais foi muito importante para Uberlândia, uma vez que constituía-se a opção mais acessível para a maioria dos trabalhadores assalariados, que viam na propriedade da casa a realização de um “*sonho impossível de ser alcançado*”.

Assim, tanto para os trabalhadores como para o Poder Público, a construção de conjuntos habitacionais foi uma “*válvula de escape*”, pois a cidade já apresentava um déficit habitacional relevante, que obrigava os dirigentes a tomarem medidas rápidas e eficientes para resolver ou pelo menos minimizar esse problema na cidade, visto que nesse período a cidade começava a se destacar no contexto regional.

A política habitacional brasileira implantada em 1964, a partir da criação do Sistema Financeiro de Habitação (SFH), acoplado ao Banco Nacional de Habitação (BNH), promovia a construção e financiamento

de casas destinadas, principalmente, à população assalariada.

Em Uberlândia, a atuação do SFH/BNH iniciou-se à partir da década de 60, através da construção de diversos conjuntos habitacionais financiados pelo SBPE, INOOCOOP e pelas Companhias Habitacionais COHAB-MG, dentre os quais destacou-se o Conjunto Habitacional Luizote de Freitas, objeto de estudo dessa pesquisa.

2 – AS TRANSFORMAÇÕES DO CONJUNTO HABITACIONAL LUIZOTE DE FREITAS

2.1 – A construção do conjunto:

O conjunto habitacional Luizote de Freitas retrata a dinâmica da política habitacional brasileira, realizada de acordo com os interesses de uma pequena parte da população, ou seja, das elites locais que ditam as regras para que ocorra a valorização e o “*funcionamento*” da cidade. Dessa forma, são loteadas áreas fora do perímetro urbano onde são construídos conjuntos habitacionais, que acabam por dificultar a vida dos moradores, que são obrigados a ter gastos extras com transportes.

Assim, a escolha do local da implantação do Luizote de Freitas, segundo SOARES (1988), deve ser entendida a partir das relações de poder estabelecidas entre o Estado e a elite de Uberlândia, que influenciou a estruturação do espaço do conjunto, principalmente em sua primeira fase de construção, desde o processo de compra do terreno até a distribuição das moradias acabadas.

O conjunto habitacional Luizote de Freitas foi construído na parte sudoeste da

cidade, como mostra FIGURA 01, distante 7 Km aproximadamente, em linha reta, da área

edificada da cidade, como previa as normas do BNH.



FIGURA 01

Entretanto, essa localização não deixou de ser imprópria, pois ao considerar a configuração urbana da cidade, a área de construção do conjunto ainda encontrava-se fora da área urbana edificada, o que acarretaria o aumento dos custos de sua produção e implantação de infra-estrutura, além de permitir que a área em seu entorno se tornasse alvo dos especuladores imobiliários, uma vez que as áreas não ocupadas existentes entre o conjunto e a área central, constituíam-se em reservas de valor de empresas imobiliárias, que se beneficiariam, posteriormente, da infra-estrutura e serviços implantados.

O projeto inicial do conjunto previa a construção, a partir de 1979, de 4.032 residências, que seriam feitas em duas etapas, sendo que na primeira fase seriam construídas 1.854 casas e na segunda 2.178. Existia cinco tipos de residências, a saber: embrião (com 21,84 m²); casa 2 (com 36,59 m² e dois quartos); casa 3 (com 43,79 m² e três quartos); casa 4 (com 50,51 m² e quatro quartos); sobrado (com 46 m² e dois quartos), como pode ser observado nas FOTOS 01 e 02.

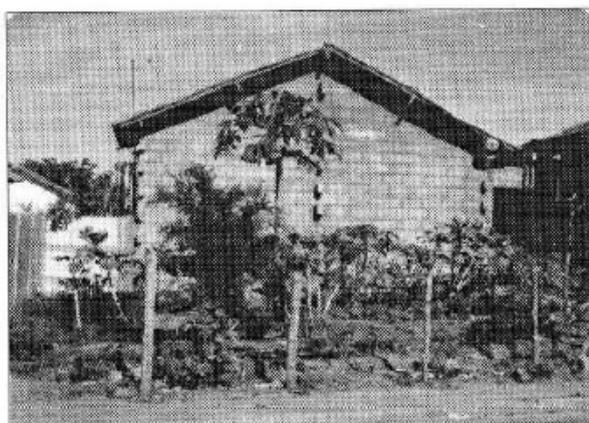


Foto 01 – Luizote de Freitas: casa-embrião original
Fonte: LAPUR/DEGEO/UFU, 1986.



Foto 02 – Luizote de Freitas: casas tipo sobrado.
Fonte: LAPUR/DEGEO/UFU, 1986.

Com relação à arquitetura das moradias, estas constituíam-se em uma característica dos conjuntos habitacionais do BNH, pois originava uma paisagem arquitetônica monótona, devido a padronização das casas e das áreas pré-destinadas aos equipamentos públicos.

Assim, o espaço coletivo do bairro apresenta um avenida principal que corta o conjunto no seu sentido longitudinal, para a qual convergem as demais ruas do bairro, em sua parte mais central. Transversalmente a essa avenida, encontram-se localizadas as áreas institucionais, que congregam uma série de serviços e comércios, como posto de saúde, escolas, igrejas, áreas de lazer, bares, farmácia, supermercados, dentre outros.

Atualmente, o bairro Luizote de Freitas encontra-se bem estruturado, com uma expressiva diversificação do setor de serviços e comércio, principalmente, após a liberação da COHAB para transformar as residências em comércios ou áreas de serviços que, conseqüentemente, contribuiu para a valorização do bairro.

Quanto à área comercial, esta sofreu algumas modificações, pois na época de

construção do bairro, havia uma área destinada especificamente ao setor comercial, uma vez que as residências não podiam exercer tal papel. Hoje, essa área está praticamente abandonada e o setor comercial encontra-se espalhado por todo o bairro, concentrando-se principalmente na avenida principal (Av. José Fonseca e Silva).

Entretanto, é interessante salientar que praticamente todo o comércio encontra-se localizado na frente das residências, que foram parcialmente transformadas em bares, lanchonetes, borracharias, salões de beleza, dentre outros. Assim, encontra-se poucas áreas realmente destinadas apenas ao setor comercial, como é o caso do Supermercado Kolosso, instalado na avenida principal.

Com relação às moradias, estas encontram-se em grande parte alteradas, uma vez que a maioria das fachadas externas foram alteradas, não tendo qualquer semelhança com a planta original, como mostram os Mapas de Uso e Ocupação do Solo 1986 e 1997 (FIGURAS 02 e 03), dando uma nova configuração à paisagem urbana do bairro, particularmente no Luizote I.

Esta prática é fruto da condição de vida

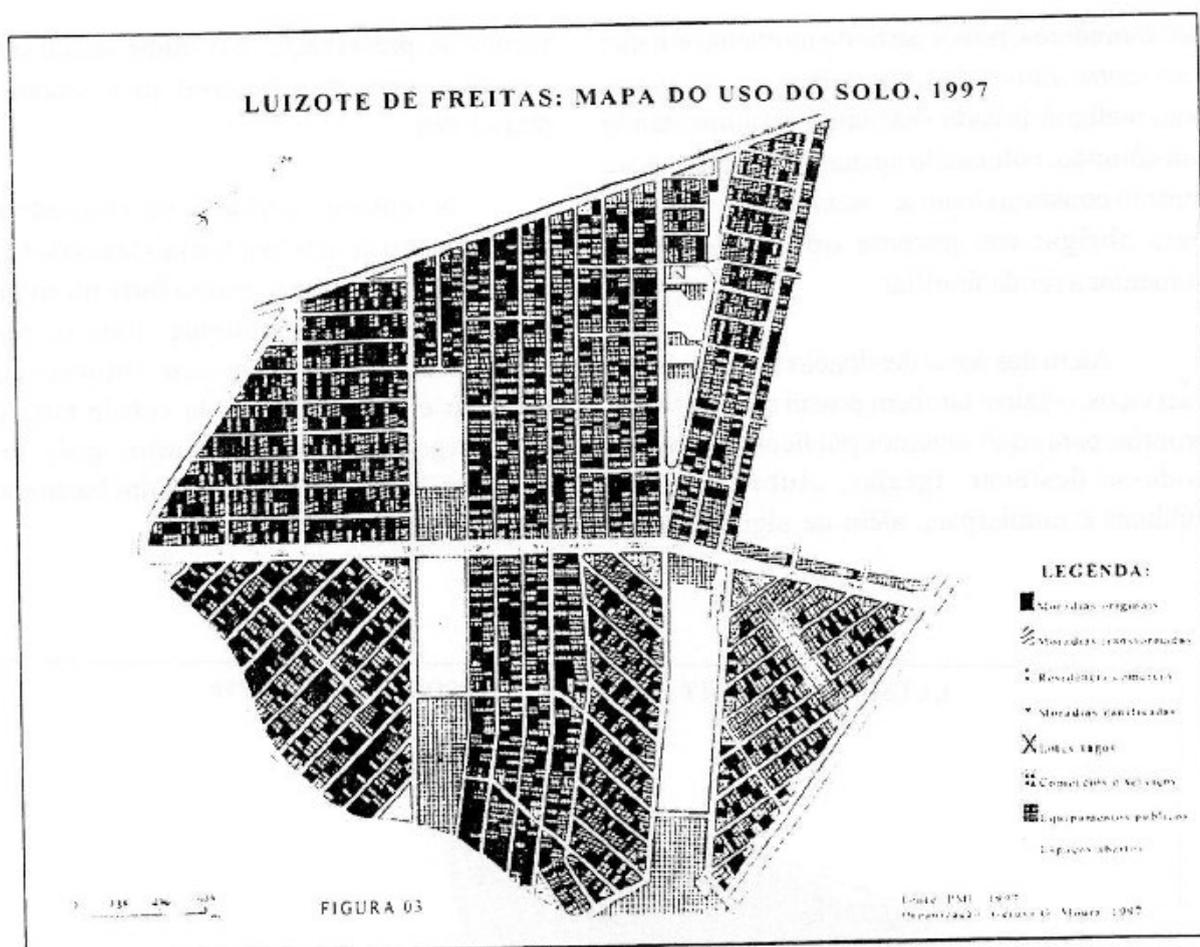
dos moradores, pois a partir do momento em que “se sentia dono” da propriedade, esforçava-se para melhorá-la cada vez mais, seja aumentando um cômodo, colocando apenas um portão ou até mesmo construindo uma “meia-água” no fundo para abrigar um parente ou alugá-la para aumentar a renda familiar.

Além das áreas destinadas aos comércios e serviços, o bairro também possui algumas áreas próprias para equipamentos públicos, dentre eles pode-se destacar: igrejas, clubes, escolas públicas e municipais, além de algumas áreas

verdes de preservação e o clube social que se constitui uma área de lazer direcionada aos moradores.

No entanto, devido a sua infra-estrutura, equipamentos coletivos e demais áreas do bairro, têm uma representação muito forte no contexto da cidade e, principalmente, para os novos bairros localizados em seu entorno como Mansour e outros bairros da cidade tais como São Jorge, Aurora, Morumbi, pois todos “sonham” em se transformar num bairro como o Luizote de Freitas.





Nesse contexto, nota-se que o bairro Luizote de Freitas foi palco de grandes transformações espaciais e para compreendê-las fez-se necessário a elaboração dos Mapas de Uso e Ocupação do Solo 1986 e 1997 (FIGURAS 02 e 03), que levariam em consideração as moradias originais e transformadas, as residências-comércios, os lotes vagos, os comércios e serviços, além das áreas verdes; a fim de servirem de parâmetro para uma comparação com o mesmo mapa produzido em 1986.

Ao analisar os mapas de uso e ocupação do solo, constatou-se que a expansão do bairro, bem como as transformações ocorridas no mesmo ocorreram de forma significativa e acelerada.

Com relação às moradias, em 1986, havia uma parcela significativa de moradias transformadas, seja pelo aumento da área construída ou apenas pela alteração da fachada.

Nesse período, também podia-se observar altos muros e grades circundando as residências, assim como mudanças de cores das mesmas, trocas de janela e portas, e até mesmo mudança no estilo arquitetônico, como mostra a FOTO 03.

Entretanto, também podia ser constatada a existência de um número expressivo de moradias que ainda conservavam o seu estilo original, ou seja, a arquitetura proposta pelo BNH. Em relação a 1997, percebe-se que grande

parte das residências encontram-se totalmente alteradas, com as fachadas externas demonstrando a condição do morador, ou seja,



Foto 03 – Luizote de Freitas: casa alterada
Fonte: LAPUR/DEGEO/UFU, 1986.

casas com fino acabamento e traços arquitetônicos modernos, como mostra a FOTO 04.

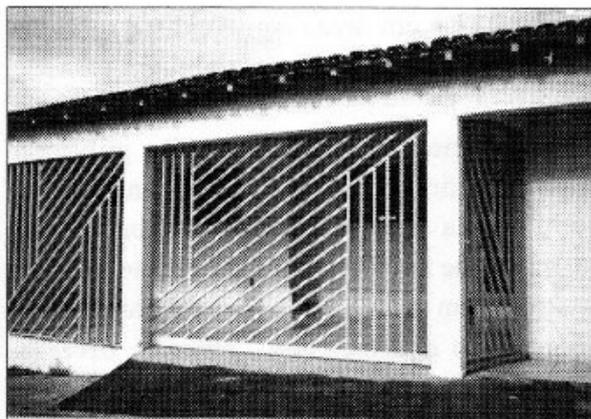


Foto 04 – Luizote de Freitas: casa alterada
Fonte: LAPUR, DEGEO/UFU, 1997.

Mas, ainda encontram-se algumas casas originais, entremeadas às casas transformadas, localizadas, principalmente, na parte baixa do bairro, no Luizote I. Algumas ainda não possuem nem muro ou cerca, conservando o padrão original do BNH, mas pode-se encontrar equipamentos, como a antena parabólica, que aparentemente está em contradiz com a situação do morador do bairro, como pode ser observado na FOTO 05.

No ano de 1997, o bairro contava com 661 casas originais; 2.777 residências alteradas e 517 casas transformadas em área comercial, sendo que nestes últimos anos as famílias dividia o espaço da casa para trabalho e a residência.

Quanto às moradias danificadas, seja pela inexistência de telhados, portas, janelas ou mesmo depreações, em 1986, existiam apenas 13 casas que se enquadravam nessa categoria. Este fato ocorreu tendo em vista que o BNH estava passando por uma série de dificuldades nesse período, quando os valores das prestações aumentavam muito, incrementando o número de

inadimplentes, e sendo assim, o BNH retomou várias moradias de mutuários devedores, ficando as mesmas abandonadas, a espera de novos usuários.

Enquanto isso, essas moradias serviam de abrigo para mendigos e marginais, que as usavam como esconderijos. Atualmente, não foi encontrada nenhuma casa abandonada, sendo que as que encontravam vazias estavam sendo reformadas pelos mutuários.

No início da construção do conjunto, o comércio era incipiente, pois o BNH não permitia a transformação das residências em locais de trabalho e nem a construção de áreas comerciais fora da área destinada para tal fim (ver FOTO 06). Entretanto, a partir do final dos anos 80, essa prática foi liberada, fazendo emergir vários comércios e serviços à frente das residências, que assumiram uma nova imagem no contexto do bairro, proporcionando uma configuração urbana diferente na paisagem do conjunto, como mostra FOTO 07.

Em outros casos, as moradias deram lugar ao próprio comércio, principalmente na avenida principal ou nas suas imediações. Atualmente, o bairro conta com 517 casas transformadas em áreas comerciais e serviços, contra 304 construídas anteriormente.

Quanto aos equipamentos públicos, foram encontradas cinco escolas, um posto de saúde e uma UAI (Unidade de Atendimento Integrada, que funciona como um pronto-socorro, construído em determinados bairros para atender a população dos mesmos), além de diversas igrejas e templos que vem proliferando significativamente pelo bairro.

Por ser um conjunto habitacional, o número de lotes vazios é insignificante, tanto no período de implantação como atualmente, cujo número corresponde somente a 33, como pode ser visto na FIGURA 03.

Com relação às áreas verdes, inicialmente o bairro não possuía nenhuma área de preservação; entretanto, hoje o bairro conta com uma área verde cercada, como mostra a FOTO 08, próxima ao Córrego do Óleo que, contraditoriamente, tem suas águas poluídas e as margens degradadas.

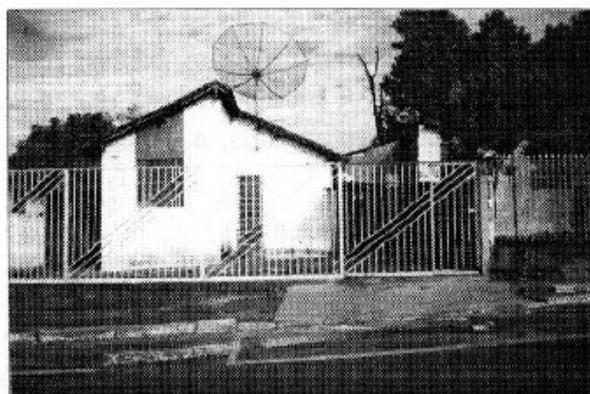


Foto 05 – Luizote de Freitas: casa original c/ antena parabólica
Foto da autora, 1998.

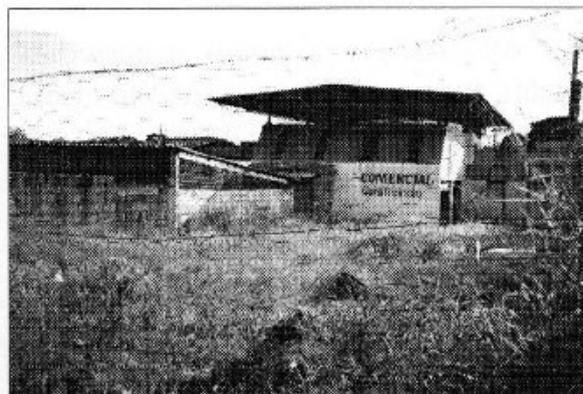


Foto 06 – Luizote de Freitas: antiga área comercial
Fonte: LAPUR/DEGEO/UFU, 1997.



Foto 07 – Luizote de Freitas: casa transformada em comércio
Foto da autora, 1998



Foto 08 – Luizote de Freitas: área de preservação
Foto da autora, 1998.

Como área de lazer, o morador do bairro possuía um clube, que atualmente não se encontra em funcionamento, restando apenas o Poliesportivo. Também não há registro de nenhuma praça localizado no mesmo, o que se constitui uma das grandes reivindicações por parte dos moradores junto ao Poder Público.

Dessa forma, ao compararmos as mudanças ocorridas no período de 1986 e 1997, nota-se que o espaço urbano do bairro encontra-se bastante diversificado, bem estruturado e provido de diversos equipamentos e serviços, para abrigar uma parcela significativa de trabalhadores assalariados da cidade de Uberlândia.

2.2 - O Morador do Conjunto Luizote de Freitas

O conjunto Luizote de Freitas abriga uma população que apresenta diversas diferenças entre si e que compõe o universo do bairro, construindo uma paisagem que reflete suas condições de vida, suas ações cotidianas, seja reformando suas casas ou transformando parte delas em uma fonte de renda, como é caso dos cômodos comerciais alugados.

O bairro Luizote de Freitas não apresenta-se tão homogêneo quanto há 10 anos atrás. Grande parte das residências do bairro foram modificadas e/ou ampliadas, restando uma parcela pouco expressiva que ainda mantém a configuração original. Além disso, a própria população apresenta diferenças marcantes, quanto à forma de apropriação do espaço, o modo de vida, ou seja, as transformações que os mesmos provocam na configuração espacial do bairro, de acordo com seus valores.

Assim, para entender a dinâmica sócio-espacial do bairro foi necessário conhecer as condições de vida dos moradores que aí residem, através da aplicação de questionários e entrevistas com os mesmos, e a sua posterior análise, juntamente com uma análise dos dados levantados em 1986.

Esse trabalho foi realizado em 50 residências, escolhidas aleatoriamente, tanto no Luizote I como no Luizote II, e seus resultados serão analisados a seguir e, concomitantemente comparados com os dados de uma pesquisa realizada na década de 80, mais precisamente em 1986, para assim, analisar as mudanças ocorridas no contexto do bairro durante o período de 1986 e 1997.

A primeira análise a ser feita, refere-se à composição etária dos moradores do bairro. De acordo com os questionários, foi encontrado um número significativo de moradores na faixa etária entre 21 e 50 anos, 66%, com predomínio do elemento feminino, revelando que a maioria da população está inserida na PEA (População Economicamente Ativa), conforme mostra a TABELA 01. Em contrapartida, o número de moradores com menos de 20 e mais de 50 anos é pequeno, 18% e 16%, respectivamente, predominando neste universo o elemento feminino, que soma 22%.

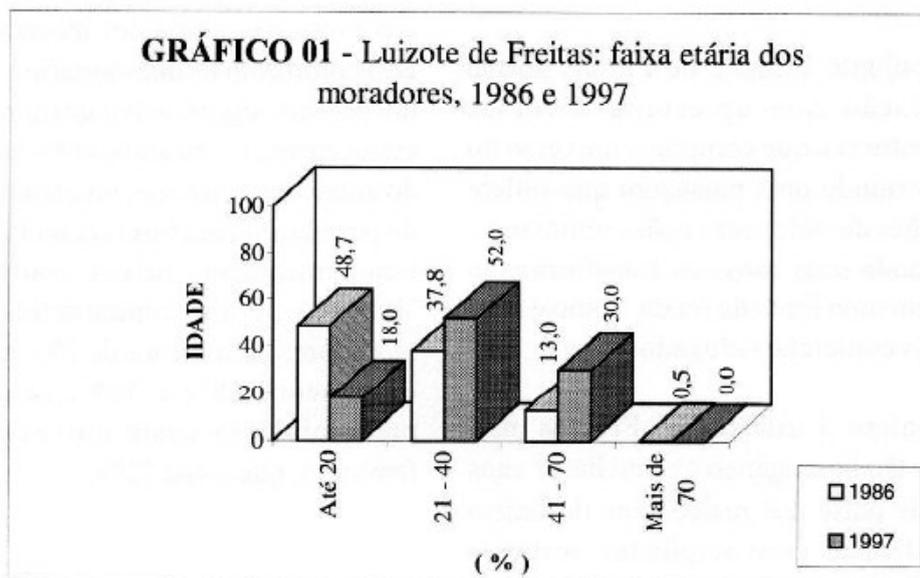
TABELA 01 - Luizote de Freitas: distribuição dos moradores por idade e sexo, 1997

IDADE	SEXO				TOTAL (n°)	%
	Feminino	%	Masculino	%		
Até 20	07	14	02	04	09	18
21 - 40	19	38	07	14	26	52
41 - 70	08	16	07	14	15	30
Mais de 70	00	00	00	00	00	00

Fonte: Pesquisa Direta, 1997.

Em relação a 1986, podem-se constatar algumas mudanças significativas, conforme mostra o GRÁFICO 01. Nesse período, o bairro Luizote de Freitas abrigava uma parcela significativa de jovens, o que correspondia a 48.7% da população total, ou seja, quase metade

da população era constituída por moradores de até 20 anos que, de acordo com as entrevistas realizadas, eram pessoas que saíram de suas cidades de origem e vieram para a cidade à procura de emprego, possibilitando a aquisição de moradias financiadas pelos mesmos.



Fonte: SOARES, 1986 e MOURA, 1997.

Atualmente, apenas 18% da população residente do bairro encontram-se inseridos nessa categoria, uma vez que ao "melhorar de vida", estes moradores saem do bairro e vão morar em outros, melhor infra-estruturados e mais próximos da área central; fato este que pode ser comprovado pelo o aumento do número de

moradores na faixa etária entre 41 e 70 anos que, em 1986, correspondia a 13% e, em 1997, aumentou para 30% do número total dos moradores dos conjunto, refletindo o expressivo quadro de envelhecimento da população brasileira nos últimos anos.

Com relação a escolaridade¹, o índice apresentou-se baixo, como mostra a TABELA 02, pois a maioria dos entrevistados não possuem o 1º grau, ou seja, apenas 22% do total de moradores do bairro concluíram o 1º grau.

Também não foi encontrado nenhum morador que apresentasse estudos de 3º grau; em contrapartida, o número de analfabetos encontrados foi também relativamente baixo, ou seja, cerca de 4%.

TABELA 02 – Luizote de Freitas: grau de escolaridade do chefe de família, 1997

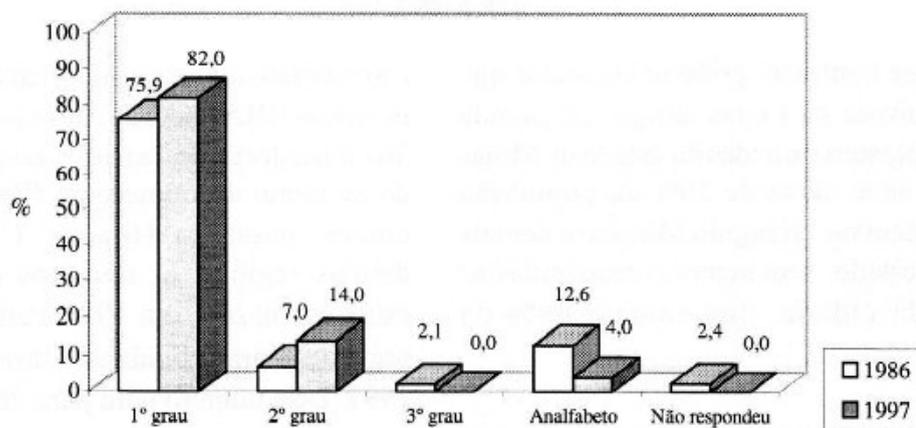
GRAU	COMPLETO (%)	INCOMPLETO (%)	TOTAL
1º	22	60	82
2º	06	08	14
3º	00	00	00
Analfabetos	-	-	04

Fonte: Pesquisa Direta, 1997.

Nesse contexto, esses resultados acabaram retratando a situação da educação no Brasil, divulgada na mídia, onde uma parcela significativa da população não concluiu sequer o 1º grau, pois a conjuntura econômica vigente no país, obriga a inserção de pessoas cada vez mais jovens no mercado de trabalho, além da própria origem agrária dos mesmos, que nem sempre lhes permitiam frequentar a escola.

Esses resultados não mudaram significativamente de 1986 para 1997, conforme mostra o GRÁFICO 02. Em 1986, cerca de 75.9% do total de moradores do bairro possuíam apenas o 1º grau (9.1% completo e 66.8% incompleto); porém, ocorreu um aumento relativo em 1997, pois 82% dos moradores passaram a ocupar esta categoria, sendo 22% completo e 60% incompleto.

GRÁFICO 02 - Luizote de Freitas: escolaridade do chefe de família, 1986 e 1997



Fonte: SOARES, 1986 e MOURA, 1997.

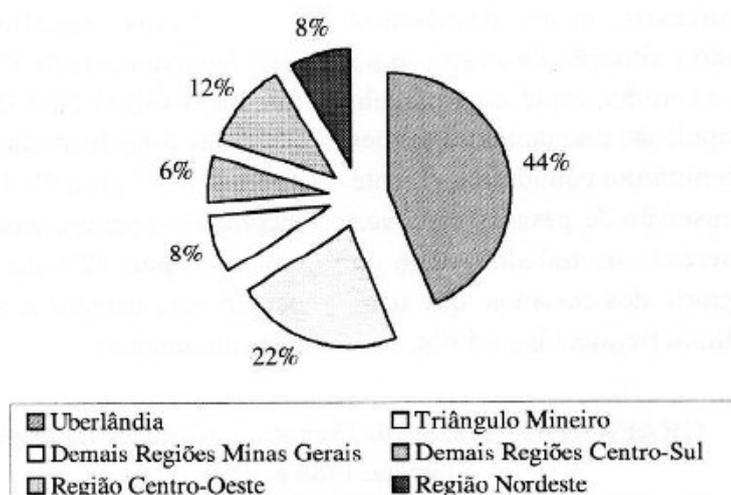
¹ Com relação ao nível de escolaridade centralizou-se a pesquisa no chefe de família, tendo em vista a dificuldade em se levantar todos os dados.

Em contrapartida, o número de analfabetos diminuiu, pois em 1986, esse número correspondia a 12.6% e, em 1997, esse número caiu para 4% do total de moradores. O número de moradores que possuíam o 2º grau também aumentou, ou seja, em 1986, apenas 7% dos moradores estavam inseridos nessa categoria e, em 1997, subiu para 14%, sendo que desse total 6% eram completos e 8% incompletos, esses resultados podem ser apontados como consequência das necessidades da sociedade atual e do desenvolvimento tecnológico, que

impõem a obrigatoriedade da educação formal.

Ao pesquisar o local de origem e o tempo de residência na cidade de Uberlândia, percebe-se que a migração exerceu um papel importante no processo de expansão econômica, política e social da cidade a partir dos anos 70, pois há uma parcela significativa de moradores oriundos de outras localidades do próprio estado de Minas Gerais, como também de outras regiões, conforme pode ser visto no GRÁFICO 03.

GRAFICO 03 - Luizote de Freitas: naturalidade dos chefes de família, 1997

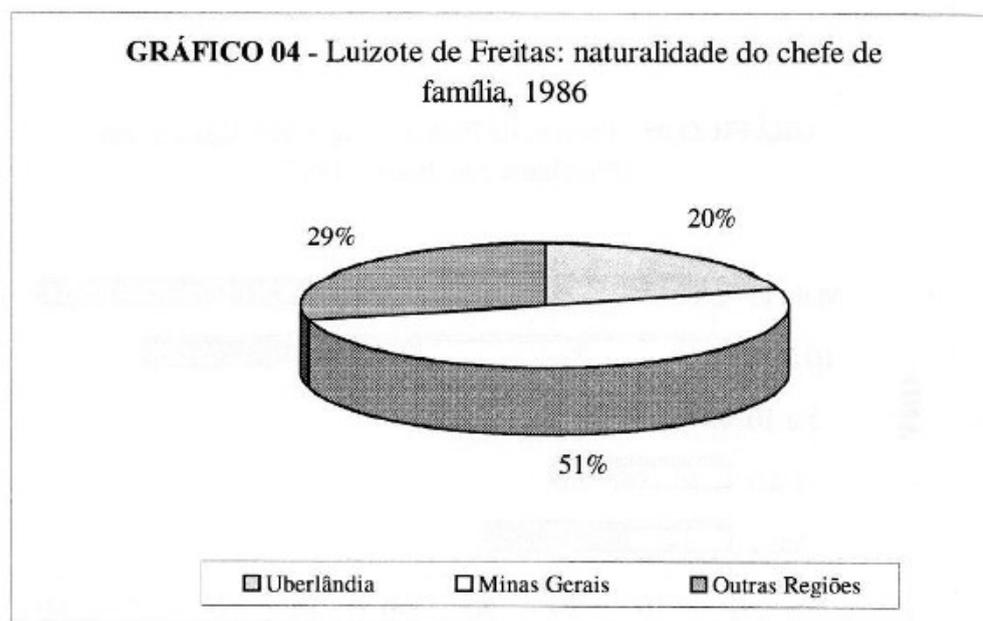


Fonte: SOARES, 1988

Nesse contexto, pode-se constatar que o bairro Luizote de Freitas abriga um grande número de pessoas oriundas do estado de Minas Gerais, ou seja, cerca de 30% da população tem sua origem no Triângulo Mineiro e demais regiões do estado, sem serem consideradas as nascidas da cidade, que somam 44% da população.

Porém, ao se comparar esses dados com os de 1986, onde 50.7% da população total estavam inseridas nessa categoria, nota-se que

esse número diminuiu significativamente, como mostra o GRÁFICO 04, devido à consolidação dos moradores no bairro e, conseqüentemente do aumento do número de filhos nascidos na cidade, passados 16 anos. Com relação as demais regiões, os números mantiveram-se estáveis, ou seja, em 1986, cerca de 29.1% da população era oriunda de outras regiões e, em 1997, esse número caiu para 26%.



Em contrapartida, o número de moradores oriundos da própria cidade praticamente dobrou, pois em 1986, 20,2% da população residente no bairro estava inserida nessa categoria e, em 1997 este percentual passou para 44% do total da população do bairro, que justificam a mudança para o bairro Luizote de Freitas, de várias maneiras, como relata a fala de alguns moradores do conjunto:

“Fiz a inscrição para a casa própria e ela saiu, então vim morar no bairro”.

“Não gostava do bairro em que morava”.

“É uma forma de não pagar aluguel, pois apesar de pagar uma prestação, um dia a casa será minha”.

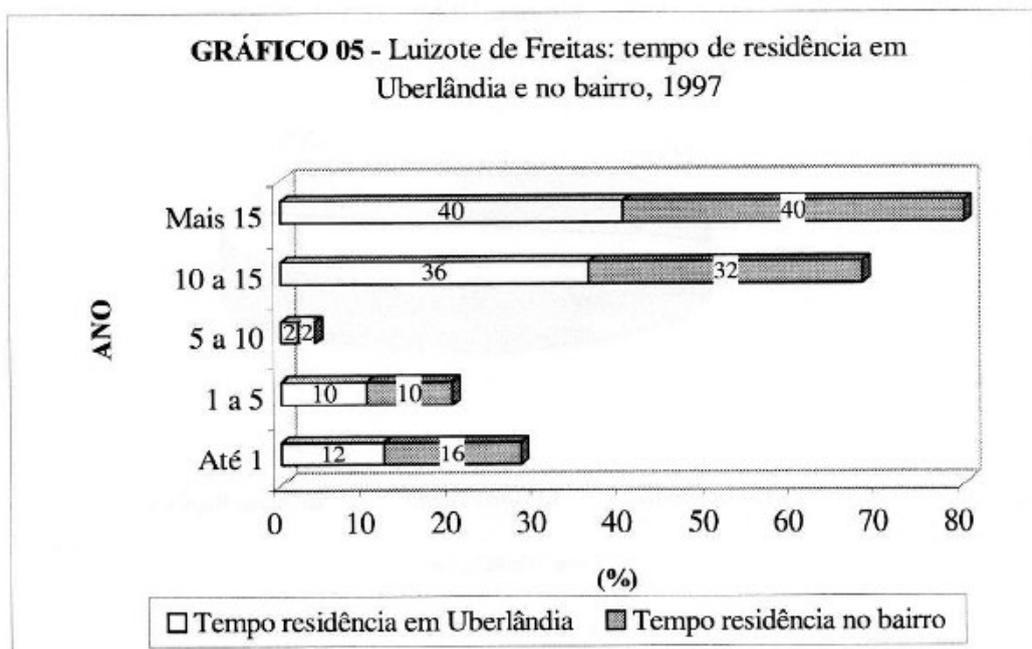
“Era o único lugar que eu conseguiria ter uma casa minha”.

Em relação ao tempo de residência em Uberlândia, a maioria dos moradores do

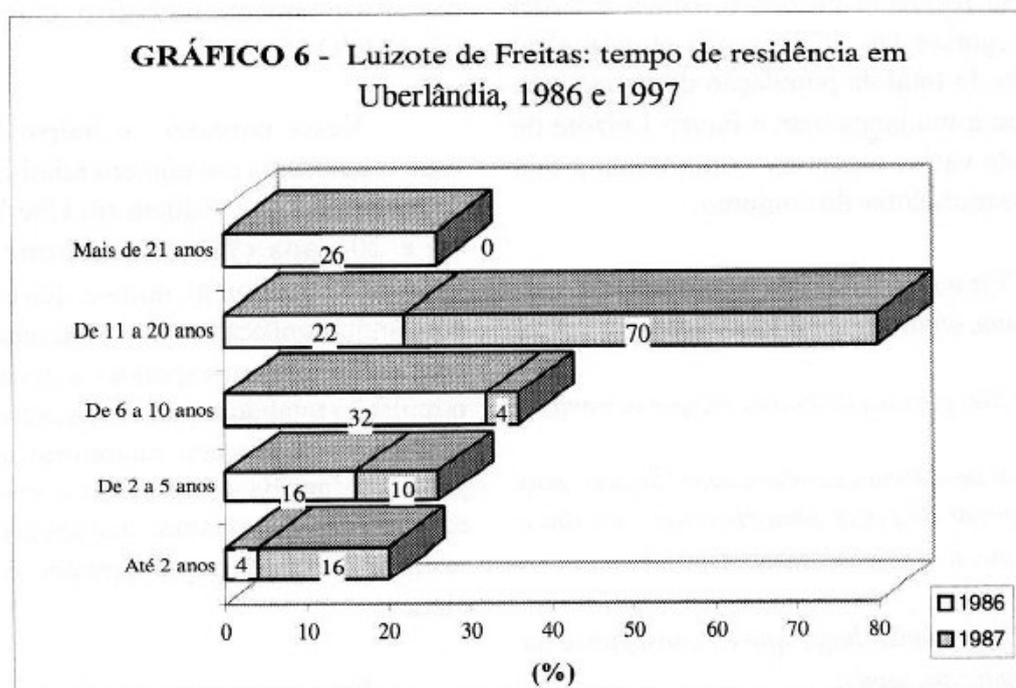
bairro moram na cidade há mais de 10 anos, o que comprova que a população residente no Luizote de Freitas, veio para a cidade e foi morar diretamente no bairro, como mostra o GRÁFICO 05.

Nesse contexto, o bairro Luizote de Freitas apresenta um número relativamente alto de moradores que residem em Uberlândia entre 10 e 20 anos (70%), conforme mostra o GRÁFICO 06. Porém, nota-se que esse número aumentou significativamente em relação a 1986, pois então, ele correspondia a apenas 22% da população total do bairro. Essa prática pode ser explicada pelo processo migratório, uma vez que parte da família ao vir para a cidade, ao se estabelecer na mesma, acabava trazendo o restante da família, que também se instala na cidade.

Em contrapartida, não foram encontrados moradores residentes em Uberlândia há mais de 21 anos, como ocorreu em 1986, quando esse contingente correspondia a 26% do total de



Fonte: MOURA, 1997.



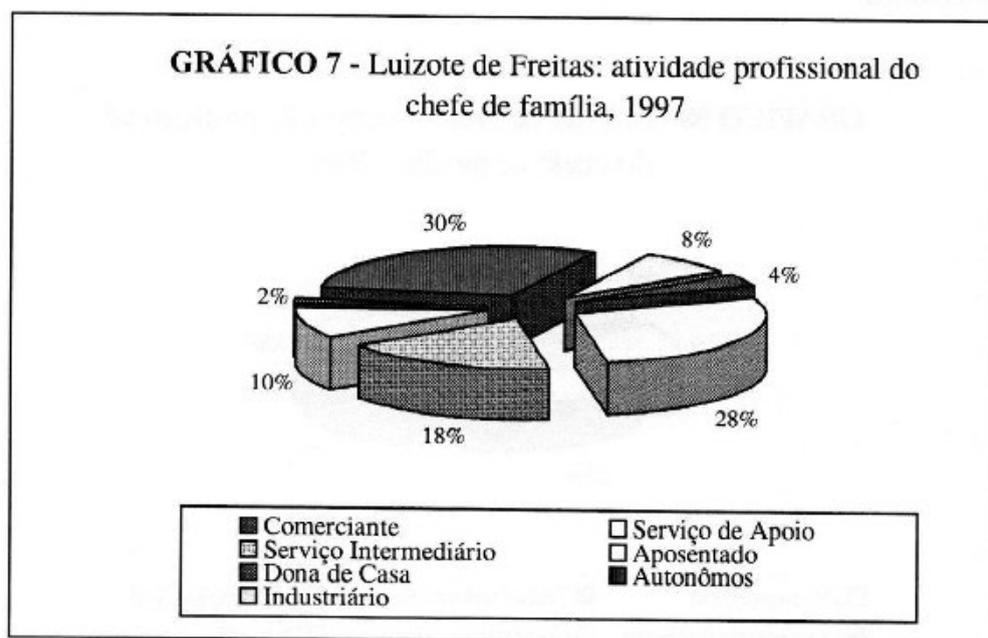
Fonte: SOARES, 1986 e MOURA, 1997.

moradores residentes no bairro, pois os mesmos, ao melhorarem de vida, saem do bairro e passam a residir em outros mais próximos ao centro urbano.

É interessante salientar que as pessoas residentes no bairro há até um ano (2%), moram em casas alugadas, construídas pelos proprietários originais no fundo da casa principal, como forma de adquirir mais renda; porém, até então essa prática era proibida no bairro, ou seja, os moradores ao receberem a casa tinham em seus contratos a proibição de venda ou aluguel de sua casa a terceiros. Em relação a 1986, esses números aumentaram

significativamente, de 4% para 16% em 1997, devido à liberação por parte da COHAB para a transformação das casas em cômodos comerciais, em virtude das constantes crises econômicas instaladas no país nos últimos 15 anos.

Ao pesquisar o nível sócio-econômico dos moradores, com relação à ocupação profissional, chegou-se a resultados bastantes diversificados, sendo necessário agrupá-los em sete categorias a saber: comerciantes, serviços de apoio, serviços intermediários, aposentado, dona de casa, autônomos e industriário, como mostra o GRÁFICO 07.



Fonte: Pesquisa Direta, 1997.

É interessante esclarecer que a categoria de Serviços de Apoio refere-se aos serviços que atuam junto à população, servindo de apoio para as mesmas, como: frentistas (2%), ajudante geral (6%), segurança (2%), guarda-noite (6%), domésticas (4%), lavadeiras (2%) e mecânicos (4%), que somam um total de 26%.

A categoria de Serviços Intermediários

inclui enfermeiras (2%), promotores de venda (4%), funcionários públicos (6%), gerentes (2%), técnicos (2%) e motoristas (4%), que perfazem um total de 20%.

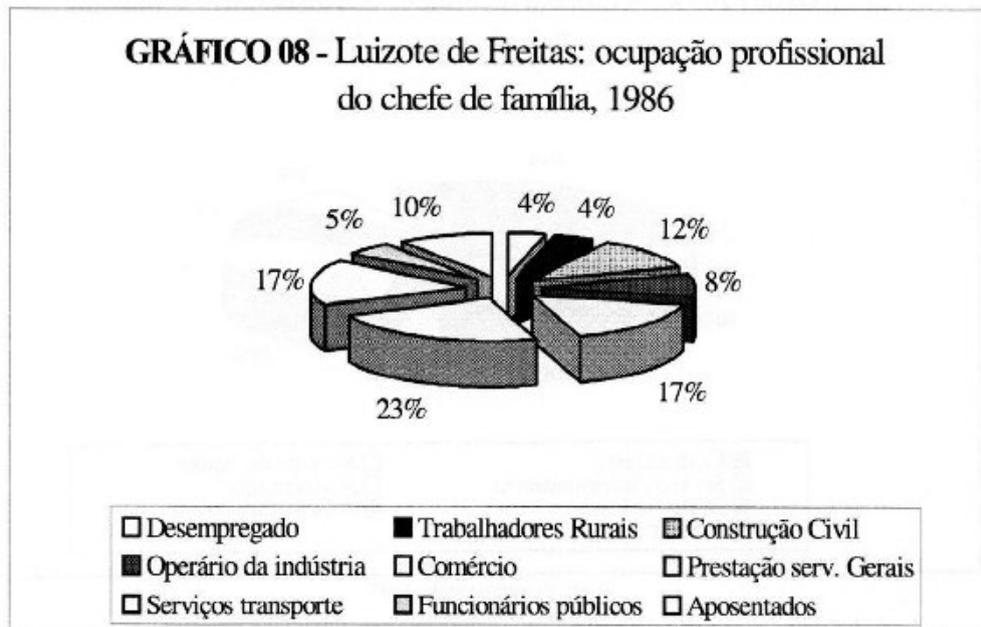
Porém, muitos moradores do conjunto prestam serviços junto à comunidade, sem possuir carteira assinada, ou seja, são os chamados "trabalhadores autônomos", que no

Luizote de Freitas diversificam-se em: cabeleireiras (2%), pedreiros (8%), prestação de serviços (2%), torneiros (2%), mestre de obras (4%), costureira (6%), marceneiros (2%), jardineiros (2%) e sapateiros (2%), num total de 30%.

Além disso, pode ser constatada também a presença de aposentados (10%), comerciantes (4%) e donas de casa (2%), sendo esse último um número significativamente pequeno, retratando as mudanças ocorridas na sociedade, onde a mulher já encontra-se inserida no mercado de trabalho, a fim de complementar a renda da família, não mais permanecendo em casa, apenas cuidando dos filhos.

Com relação a 1986, esse quadro também mostrava-se bastante diversificado, quando, de acordo com SOARES (1988), encontravam-se desde a figura de um raizeiro até funcionários públicos, conforme mostra o GRÁFICO 08.

Com relação à renda familiar, buscou-se correlacioná-la com o tamanho médio da família e, ao mesmo tempo, comparar o seu crescimento em relação à década de 80. Porém, ao analisá-la separadamente, conclui-se que, em 1997, 30% dos moradores apresentaram uma renda familiar entre um e dois salários, e apenas 6% apresentaram renda superior a 10 salários mínimos.



Fonte: SOARES, 1988. (adaptado por MOURA, 1997)

É interessante notar que a quantidade de moradores de uma família com renda entre um e dois salários e superior a dois salários mínimos é relativamente alta, cerca de 5,16 pessoas/família, conforme mostra a TABELA 03. Em contrapartida, as famílias com renda intermediária, ou seja, entre três e sete salários

mínimos, apresentam um número relativamente menor de pessoas, cerca de 3,5 pessoas/família.

TABELA 03 – Luizote de Freitas: renda familiar e tamanho médio da família, 1997

FAIXA SALARIAL	RENDA FAMILIAR (%)	TAMANHO FAMÍLIA (PESSOA/FAMÍLIA)
1-2	30	4,13
2-3	14	5,00
3-5	14	3,86
5-7	14	3,14
8-9	18	5,90
Mais de 9	10	7,25

Fonte: Pesquisa Direta, 1997.

Comparando com os dados de 1986, conforme mostra a TABELA 04, a renda familiar dos moradores do bairro diminuiu, uma vez que pouco menos da metade dos moradores (41,8%)

possuíam renda familiar entre dois e cinco salários; além disso, o número de pessoas por família pouco se alterou, ou seja, manteve o índice de quatro e cinco pessoas/família.

TABELA 04 - Renda familiar e tamanho médio da família do Luizote de Freitas, 1986

FAIXA SALARIAL	RENDA FAMILIAR (%)	TAMANHO FAMÍLIA (PESSOAS/FAMÍLIA)
1-2	25.0	4,68
2-3	26.8	5,03
3-5	30.6	5,58
5-7	15.2	5,65
8-9	0.9	5,00
Mais de 9	2.1	5,28

Fonte: SOARES, 1986.

A alteração mais significativa ocorreu com as famílias com faixa salarial entre três e sete salários, que possuíam em média cinco pessoas/família, atualmente esse número caiu para três pessoas/família, em razão do tempo de moradia em cidades, inserção da mulher no mercado de trabalho, além das condições sociais e urbanas da cidade.

Porém, é necessário ressaltar que a pesquisa desenvolvida por SOARES (1988), foi realizada durante o Plano Cruzado (1986), em que os índices salariais e de emprego estavam alterados, bem diferente da época atual, em que os salários encontram-se defasados e o número de empregos cada vez mais escasso.

O bairro Luizote de Freitas

O Luizote de Freitas apresenta vários fatores que contribuem para que ele se transformasse num bairro bem estruturado e den-

samente ocupado. Ao questionar os moradores sobre os motivos que os levaram a escolher este bairro para residir, as respostas foram diversas, conforme mostra a QUADRO 01.

QUADRO 01 – Luizote de Freitas: motivos que levaram à escolha do bairro, 1997

MOTIVOS	TOTAL	%
Casa própria	22	44
Valor da moradia	03	06
Aluguel	10	20
Qualidade do bairro	04	08
Oportunidade de trabalho	01	02
Morar próximo familiares	04	08
Não sabe	05	10
Outros	01	02

Fonte: Pesquisa Direta, 1997.

Pode-se notar que, dentre os motivos que mais se destacaram, um foi a possibilidade de aquisição da casa, que ainda se constitui num signo de ascensão social e de segurança futura para a maioria dos moradores e, conseqüentemente, o não pagamento de aluguel, que segundos os mesmos é uma forma de “jogar dinheiro fora, pois não se tem retorno dele”. Em contrapartida, ao pagar a prestação da casa, sabe-se que será um investimento com retorno, pois um dia a casa será de sua propriedade.

Com relação à arquitetura da casa, pesquisou-se sobre o número de cômodos existentes na residências e, se muitas aparentemente ainda permaneciam como no projeto inicial. Os resultados obtidos foram de que grande parte das casas já se encontram ampliadas e/ou modificadas, apresentando em média um número elevado de cômodos, em geral, entre 5 e 10 cômodos (52%), como mostra a TABELA 05.

TABELA 05 – Luizote de Freitas: número de cômodos e arquitetura da moradia, 1997

Nº CÔMODOS	ARQUITETURA DA MORADIA		
	AMPLIADA/MODIFICADA (%)	ESTILO COHAB (%)	OUTROS (%)
Até 2	-	06%	-
2-5	14%	14%	04%
5-7	28%	-	-
7-10	22%	-	-
Mais de 10	02%	-	-

Fonte: Pesquisa Direta, 1997.

O número de residências com fachada original é muito baixo (20%), sendo utilizadas por muitos para alugar a terceiros. Dentro da categoria “*outros*” estão incluída as casas construídas no fundo da residência principal, que, de acordo com a pesquisa realizada, teve um número relativamente baixo (4%). Porém, sabe-se que, na verdade, a maioria das residências possuem uma “*meia-água*” construída no fundo, seja para abrigar um parente ou alugar a terceiros.

Com relação ao número de domicílios existentes no mesmo terreno, existe uma grande quantidade de casas construídas “*clandestinamente*”, ou seja, são casas construídas sem legalização junto à Prefeitura, menores (“*meia-água*”), construídas no terreno principal. Entretanto, essa prática não é condizente com o contrato de venda das moradias do conjunto, que inclusive proíbe a comercialização das mesmas. (ver TABELA 06).

TABELA 06 – Luizote de Freitas: número de domicílios, 1997

QUANTIDADE LOTES	TOTAL	%
1	26	52
2	23	46
3	01	02
Nenhum	00	00

Fonte: Pesquisa Direta, 1997.

Porém, essa regra nunca foi seguida a risca, pois a maioria dos moradores construíram outras casas - “*meia água*” - no fundo da casa principal para abrigar um parente ou alugar a terceiros, tentando aumentar a renda familiar. Assim, do total de casas construídas no bairro, cerca de 46% possuem duas outras residências no fundo da mesma, contra 52% que possuem apenas uma. Dessa forma, não foi encontrada nenhuma residência que não possuísse outra moradia no fundo do lote.

O projeto urbanístico inicial do conjunto Luizote de Freitas criou uma enorme monotonia na paisagem do bairro, caracterizada por moradias em série e padronizadas, porém, a interação entre os moradores e a própria estrutura do bairro proporcionou algumas mudanças significativas na paisagem espacial do mesmo, revelando vínculos afetivos e não-

afetivos entre os mesmos.

Diante disso, ao pesquisar sobre os pontos positivos e negativos do conjunto, obteve-se uma grande diversidade de respostas, como mostra a QUADRO 02.

Dentre os pontos positivos, o que mais se destacou foi o que se refere aos serviços urbanos (38%) presentes no bairro, que são considerados os grandes atrativos do bairro, uma vez que os moradores não precisam sair do bairro para ir ao supermercado ou à farmácia, pois o bairro possui toda essa infraestrutura.

QUADRO 02 – Luizote de Freitas: pontos positivos e negativos do bairro, 1997

PONTOS POSITIVOS	TOTAL	%	PONTOS NEGATIVOS	TOTAL	%
Serviços urbanos	19	38	Carência de serviços públicos	04	08
Área de esporte e lazer	01	02	Carência áreas públicas, lazer/cultura	05	10
Valor prestação da casa	02	04	Violência	25	50
Tudo é bom	07	14	Tudo é ruim	05	10
Vizinhança	03	06	Pouco cuidado c/ espaços públicos	01	02
Atividade comercial	05	10	Trânsito e transporte	02	04
Tranquilidade	02	04	Nenhum	06	12
Nenhum	05	10	Outros	03	06
Não sabe	01	02			
Outros	05	10			

Fonte: Pesquisa Direta, 1997.

Em relação aos pontos negativos, a violência (50%) foi o que mais se destacou, uma vez que a grande reclamação dos moradores do bairro é a falta de policiamento, principalmente à noite, que facilita os roubos e assaltos nas residências, como retrata a fala de uma moradora.

“Antigamente podia andar até tarde na rua, sem se preocupar com a casa, mas hoje não pode fazer nada disso, pois ficar na rua até tarde é muito perigoso, sem contar que também não pode deixar a casa sozinha, senão vai uns malandro lá levar o que a gente comprou com tanto trabalho.” (Moradora do bairro, 1997)

É interessante salientar que existem grandes contradições em relação à estrutura do bairro, pois nota-se que existem uma parcela de moradores satisfeitos com o bairro, mas também uma grande parte que não está, como pode ser visto no QUADRO 02, onde nos pontos

positivos, cerca de 14% dos entrevistados responderam que *“tudo no bairro é bom”*; e 10% responderam que *“não existe nenhum ponto positivo no bairro”*.

Dessa forma, pode-se notar que cada morador apresenta uma particularidade, que é representada pelas divergências quanto à forma de pensar e agir. Assim, enquanto que para uns moradores morar no bairro Luizote significa ter a casa própria e não pagar aluguel, para outros isso não quer dizer nada, pois na maioria das vezes todos almejam morar nas áreas centrais da cidade, onde não serão estigmatizados por ocuparem as áreas periféricas da cidade.

O bairro Luizote de Freitas apresenta uma infra-estrutura boa, um número expressivo de serviços e casas comerciais e abriga uma quantidade significativa de pessoas no seu interior. Esses atrativos juntamente com outros mais, torna o conjunto Luizote de Freitas um exemplo de bairro

reconhecido pelos próprios moradores.

Ao analisar os motivos pelos quais os moradores escolheram o referido bairro para morar, deparou-se com uma diversidade muito grande de respostas, que foram agrupadas de acordo com os seguintes valores: simbólico, físicos e infra-estruturais, conforme mostra o QUADRO 03.

Assim, de acordo com os dados obtidos, na categoria simbólicos os valores que mais se

destacaram foram a importância do bairro para os demais bairros (18%), uma vez que a instalação do Luizote de Freitas, propiciou a formação de outros bairros no seu entorno tais como Mansour e Jardim Patricia, sendo este último destinado à classe média-alta, pois dotou a área de infra-estrutura urbana que facilitou a implantação dos demais bairros e também os Conjuntos América do Norte e América do Sul, construídos nas Chácaras Tubalina.

QUADRO 03 - Luizote de Freitas: importância do bairro para os moradores, 1997

ELEMENTOS		TOTAL	%
SIMBÓLICOS	Propriedade casa	06	12
	Cidade Independente	04	08
	Importância do bairro p/ demais bairros	09	18
MATERIAIS	Proximidade do centro	03	06
	Qualidade do bairro	03	06
	Tamanho do bairro	01	02
INFRA-ESTRUTURAS	Possibilidade de emprego	01	02
	Serviços existentes	05	10
OUTROS	Não sabe	05	10
	Não respondeu	12	24
	Outros	01	02

Fonte: Pesquisa Direta, 1997.

Ainda na categoria simbólicos, o segundo elemento que se destacou foi a propriedade da casa (12%), que mais uma vez foi reconhecida como um grande símbolo de ascensão social preponderante do bairro, uma vez que a maioria dos seus habitantes não conseguiriam adquirir a casa própria, se fosse por meio dos financiamentos do BNH. Além disso, a ideologia da casa própria veio se proliferando

vertiginosamente entre essas classes, pois, para muitos ter uma casa era sinônimo de status, crédito e estabilidade.

Ao analisar o elemento físico, como importância para o bairro, os resultados que mais se destacaram foram os relacionados com a proximidade do bairro ao centro urbano (6%), consequência da quantidade e qualidade dos

transportes urbanos que servem o bairro. Aliás, ele é considerado o bairro melhor servido de transporte urbano, pois os mesmos são numerosos e rápidos.

Além disso, a própria qualidade do bairro (6%) foi destacada, o que pode ser explicado pela grande diversidade de serviços e comércios existentes no mesmo. Isto é destacado na categoria infra-estrutura, na qual 10% dos moradores destacaram o papel importante dos serviços existentes no bairro, pois os mesmos facilitam a vida da maioria dos moradores, que não precisam sair do bairro para fazer as compras corriqueiras e nem mandar os filhos para escolas em outros bairros.

Entretanto, é importante salientar que 24% dos moradores não responderam sobre a

importância do bairro, alegando não ter nenhuma importância ou simplesmente que não queriam responder. Além disso, 10% dos moradores alegaram não saber que importância este bairro tem na sua vida, apesar de ser nele que o “sonho” de ter uma casa própria tornou-se possível. Com relação às vantagens e desvantagens de se morar na cidade de Uberlândia, as opiniões dos moradores do bairro também apresentaram-se variadas, conforme mostra o QUADRO 04.

Entre as vantagens de se morar em Uberlândia, a que mais se destacou foi a dos serviços existentes na mesma (32%), que atraem grandes contingentes populacionais que vêm para a cidade em busca, principalmente, de emprego, em virtude da instalação de grandes indústrias (Souza Cruz, Coca Cola) e atacadistas (Martins, Arcon).

QUADRO 04 – Luizote de Freitas: vantagens e desvantagens de se morar em Uberlândia, 1997

VANTAGENS	TOTAL (%)	DESVANTAGENS	TOTAL (%)
Oportunidade emprego	16	Faltam espaços públicos	02
Serviços existentes	32	Faltam incentivos culturais	02
Comércio	04	Carência serviços públicos	08
Cidade grande	06	Dificuldade emprego	42
Qualidade da cidade	16	Trânsito ruim	02
Cidade rica	02	Violência	20
Modo de vida	02	Relações pessoais	04
Cidade progressista	02	Custo vida alto	04
Custo vida baixo	02	Distância entre bairros	02
Tudo é bom	02	Nenhuma	10
Nenhuma	08	Não sabe	02
Não sabe	02	Outros	02
Outros	06		

Fonte: Pesquisa Direta, 1997.

Dentre as desvantagens, a que mais se destacou foi a dificuldade de se empregar (42%), principalmente para aqueles que não possuem um certo grau de escolaridade e especialização, como é o caso da maioria dos moradores do bairro Luizote de Freitas, pois com a globalização, o mercado produtivo necessita de mão-de-obra especializada e eficiente. Outra desvantagem destacada pelos moradores é o alto índice de violência (20%), que vem sendo registrado na cidade.

Nesse contexto, a partir das análises dos questionários aplicados, nota-se que existe uma grande satisfação por parte de alguns moradores quanto à vida no conjunto, porém, também devem ser relatadas algumas contradições, que se referem não só a fatores materiais como também à própria vida cotidiana dos moradores, que dão à paisagem urbana do bairro um cenário diferente do proposto pela construção inicial do conjunto, onde tudo era igual e monótono, atribuindo-lhe novas feições a cada dia.

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta pesquisa, constatamos que a paisagem urbana dos conjuntos habitacionais não é tão estática e homogênea quanto parece, pois passado o período de construção, os mesmos vão sendo ocupados de forma heterogênea pelos moradores, que propiciam uma nova configuração para o mesmo.

O conjunto habitacional Luizote de Freitas não foge à regra, pois ao ser construído para uma população de baixa renda, este apresentava-se, no que diz respeito à arquitetura, homogêneo, o que se traduzia pela monotonia de suas moradias e vias, de que os

próprios moradores se queixavam.

Entretanto, após o período de implantação, as casas do conjunto foram sendo alteradas, tanto as fachadas externas como o próprio padrão arquitetônico que, em algumas casas, encontra-se bem diferente do proposto pelo BNH.

Dessa forma, essa nova imagem da paisagem urbana do bairro reflete o universo heterogêneo em que os moradores vivem, consequência das particularidades e singularidades que cada um apresenta, refletidas no seu próprio modo de vida.

Além das transformações no padrão arquitetônico das moradias, o número de comércios e serviços instalados no bairro também aumentou significativamente, principalmente após a liberação do BNH para a construção dos mesmos nas próprias residências.

Atualmente, a avenida principal do bairro – Av. José Fonseca e Silva – é a área onde encontra-se um grande número de residências que possuem comércio, ou seja, lojas em geral; padarias, pequenos bares, casa de material de construção, etc., e até mesmo residências que foram reformadas e transformadas em comércio ou área de serviço propriamente dito, como por exemplo o supermercado Kolosso, a ACIUB, o laboratório Exame, dentre outros.

Quanto aos moradores do conjunto, estes produziram um espaço heterogêneo, fruto da própria identidade e cultura pessoal dos moradores, que produzem espaços bastante diferenciados a partir das transformações das moradias que materializam a segregação sócio-espacial existente no contexto urbano do bairro.

O bairro Luizote de Freitas também possui uma série de carências, principalmente com relação à segurança e aos espaços para lazer. Quanto à segurança, o bairro, apesar de possuir um posto policial, não consegue conter a onda de violência que o assola, o que constitui uma das grandes reclamações por parte dos moradores.

Em relação aos espaços para lazer público, principalmente praças, não foi encontrada nenhuma no bairro, sendo também uma das grandes reivindicações por parte dos moradores. Apenas um poliesportivo e um clube, que atualmente não se encontra em funcionamento, são os espaços destinados ao lazer da população do conjunto.

Dessa forma, ao compararmos as mudanças ocorridas no período de 1986 e 1997, nota-se que o espaço urbano do bairro encontra-se bastante diversificado, o que justificou o seu destaque enquanto maior e melhor conjunto habitacional provido de infra-estrutura e equipamentos, construído na cidade de Uberlândia nos anos 80 para abrigar uma classe trabalhadora que luta para conseguir ser “*dona de sua casa*”.

Nesse contexto, essa pesquisa permitiu compreender a dinâmica da política habitacional brasileira, particularmente a implantação de conjuntos habitacionais, principalmente em Uberlândia, a partir do estudo do conjunto habitacional Luizote de Freitas.

A pesquisa serviu também para retratar a imagem do trabalhador diante de sua “conquista da casa própria”, uma vez que para a grande parte dos trabalhadores assalariados, este é um “sonho” há quase impossível de ser realizado.

No entanto, constatou-se que mesmo satisfeitos em possuir a “casa própria”, os moradores lutam para que cada vez mais sejam feitas melhorias no bairro, o que contribui para que o espaço do mesmo seja reconstruído de acordo com a identidade dos moradores, pois representará sua vida cotidiana.

4 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO SOBRINHO, Fernando de. *Evolução e moradia popular em Uberlândia/MG: um estudo de caso do Santa Mônica II*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1995. (Monografia, Bacharelado Geografia).

AZEVEDO, Sérgio de. Política de habitação popular e subdesenvolvimento. In: *Políticas públicas para áreas: dilemas e alternativas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

AZEVEDO, Sérgio de & GAMA ANDRADE, Luís A. G. *Habitação e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

AZEVEDO, Sérgio de; RIBEIRO, Luis C. de Queiroz (org.). *A crise da moradia nas grandes cidades: da questão da habitação à reforma urbana*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

CAMPOS FILHO, Cândido Malta. *Cidades brasileiras: seu controle ou caos*. São Paulo: Nobel, 1989.

CARLOS, Ana Fani. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1992.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

- CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1995.
- MARICATO, Erminia. *Habitação e cidade*. São Paulo: Atual, 1997.
- PERUZZO, Dilvo. *Habitação: controle e espoliação*. São Paulo: Cortez, 1984.
- RODRIGUES, Arlete Moisés. *Moradia nas cidades brasileiras*. São Paulo: Contexto, 1994.
- SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1993.
- SOARES, Beatriz Ribeiro. *Habitação e produção do espaço urbano em Uberlândia*. São Paulo: FFLCH/USP, 1988. (Dissertação, Mestrado).
- _____. *Uberlândia: da “Cidade Jardim ao Portal do Cerrado”- Imagens e representações no Triângulo Mineiro*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. (Tese, Doutorado).
- VERÁS, Maria P. Bicudo. *A vida em conjunto: um estudo da política da habitação popular*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1980. (Dissertação, Mestrado).